

TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 391

**DIÁLOGOS COM O ENSINO MÉDIO 1:
UM OLHAR INICIAL SOBRE O JOVEM NO BRASIL**

André Braz Golgher

Agosto de 2010

Ficha catalográfica

362.7042981 Golgher, André Braz.
M678r Diálogos com o ensino médio 1: um olhar inicial
2010 sobre o jovem no Brasil / André Braz Golgher. - Belo
Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2010.
21p. (Texto para discussão ; 391)
1. Jovens - Brasil. 2. Educação - Brasil. I.
Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de
Desenvolvimento e Planejamento Regional. II. Título.
III. Série.

CDD

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL

DIÁLOGOS COM O ENSINO MÉDIO 1:*
UM OLHAR INICIAL SOBRE O JOVEM NO BRASIL**

André Braz Golgher***

Cedeplar/UFMG

CEDEPLAR/FACE/UFMG

BELO HORIZONTE

2010

* O projeto “Diálogos com o Ensino Médio” foi realizado pelo Observatório Jovem do Rio de Janeiro/UFF e pelo Observatório da Juventude da UFMG, em cooperação técnica com a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. O projeto teve três objetivos gerais: 1) Estabelecer o diálogo entre as temáticas do Ensino Médio e a juventude por meio do levantamento, sistematização e divulgação da produção acadêmica sobre estes assuntos, com a finalidade de subsidiar a elaboração, a implantação e o monitoramento de políticas públicas que atendam com qualidade o público jovem no espaço da escola; 2) Fomentar o intercâmbio entre a comunidade acadêmica e atores envolvidos nos processos de educação e de produção de conhecimentos relacionados com os jovens alunos do Ensino Médio; 3) Realizar pesquisa de caráter quantitativo e qualitativo sobre a opinião de jovens estudantes do Ensino Médio e seus professores sobre a escola.

** Esse é o primeiro de uma série de textos que buscam discutir fatores relacionados aos jovens e ao sistema de ensino no Brasil, em particular o Ensino Médio. O segundo texto da série “O Ensino Médio no Brasil visto a partir do modelo Profluxo e outros indicadores demográficos” apresenta uma discussão sobre taxas de aprovação e evasão, e diferentes indicadores educacionais derivados desses, bem como analisa diferentes grupos da população. O terceiro “O estudante jovem no Brasil e a inserção no mercado de trabalho” analisa a inserção do jovem no mercado de trabalho e diferentes formas de transição da adolescência para a fase adulta. O quarto “Diversidade regional do Ensino Médio no Brasil analisado a partir de diferentes indicadores educacionais” trata da diversidade espacial brasileira com relação a diferentes indicadores educacionais e trajetórias de desenvolvimento local do sistema de ensino. O quinto “A escola de Ensino Médio no Brasil analisada a partir de dados do INEP” discute as escolas de ensino médio no Brasil em pontos referentes ao desempenho escolar. O último “O estudante de Ensino Médio no Brasil analisada a partir de dados do INEP” discute os estudantes de Ensino Médio no Brasil em pontos referentes ao desempenho escolar.

*** O autor agradece à Daniela Resende, professora da Universidade Federal de Viçosa, pelas sugestões e correções.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. UMA BREVE DISCUSSÃO DEMOGRÁFICA SOBRE OS JOVENS NO BRASIL	8
3. OS JOVENS NO BRASIL E O SISTEMA DE ENSINO.....	11
4. CONCLUSÃO	20
Referências	21

RESUMO

Existem muitas definições de juventude e de jovem. A juventude pode ser considerada como um período de transição do estado de dependência para as responsabilidades do mundo adulto, que é particularmente marcado pela formação de objetivos, aspirações e desejos. Entender como esses são formados e se esses são ou não são alcançados, em particular com relação à educação formal, é tema central no estudo sobre o jovem. Nesse sentido, o objetivo desse texto é apresentar um conjunto de análises a respeito da juventude e sua relação com o sistema de educação formal no Brasil, incluindo uma discussão demográfica e outra sobre a inserção do jovem nos diferentes níveis de ensino. Inicialmente, observou-se que houve uma diminuição relativa na população com idade entre 15 a 17 anos, indicando uma futura “janela de oportunidades” para a melhoria do EM. Em seguida, verificou-se que a frequência à escola do jovem brasileiro se mostrou estável entre os anos de 1997 e 2007, mas que houve uma diminuição da distorção idade/série e um aumento médio da escolaridade do jovem brasileiro marcantes no período.

Palavras-chave: ensino médio, jovem, educação.

ABSTRACT

There are many definitions of youth and of young people. For instance, the youth can be considered as a transition from the state of dependence to the adult's life responsibilities. This period is specially touched by establishment of objectives, aspirations and desires, in particular concerning education and the school. The objective of this working paper is to present some initial analyses regarding the youth and associations to educational system in Brazil. Firstly, we observed some population trends, including the relative size decrease of the population group aged 15 to 17, indicating that there are demographic opportunities to ameliorate the educational system. After that, we verified that school frequency did not increase in Brazil between 1997 and 2007, but that there was a decrease in age-grade distortion and an increase in formal education levels in the period.

Key words: secondary school, youth, education.

JEL: I21, J13, J24

1. INTRODUÇÃO

Existem muitas definições de juventude e de jovem. Muitos definem o jovem como alguém entre a infância e a maturidade. Outros definem com uma pessoa de pouca idade ou pertencente a um grupo etário específico, por exemplo, entre 15 a 24 anos. A juventude pode ser considerada como um período de transição do estado de dependência para as responsabilidades do mundo adulto, ou a transição entre a adolescência e a fase adulta, ou ainda da escola para o mercado de trabalho. No entanto, é preciso considerar a juventude não como “mera passagem”, uma vez que os jovens se apresentam como sujeitos sociais, que vivem e se constituem como tais nas relações estabelecidas no seu cotidiano, no momento presente, em relação com outros grupos e instituições sociais (Dayrell, 2003)¹.

Segundo Machado Pais (1990), essa caracterização de juventude reforçaria o que há de comum entre os jovens, constituindo-os como uma categoria etária, como uma “fase da vida”. Entretanto, cabe à Sociologia, segundo o autor, problematizar essa concepção meramente etária, a partir do questionamento dos fatores sociais que em determinados períodos e em uma dada sociedade configuram as “fases da vida”. Assim,

Proceder à explicação das transformações que têm afetado a juventude quando referida a uma fase de vida, ou seja, quando referida a um processo que se desenvolve num período determinado de tempo, isto é, que se inscreve numa duração, é um dos desafios que se colocam à sociologia. A juventude, quando aparece referida a uma fase de vida, é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo. (Machado Pais, 1990, 146)

As diferentes transições relacionadas ao jovem e à juventude são particularmente marcadas pela formação de aspirações e desejos, muitos desses que não se concretizam. Entender como se formam esses desejos e aspirações e se esses são ou não são alcançados, em particular com relação à educação formal, é tema central no estudo sobre o jovem. Nesse sentido, o objetivo desse texto é apresentar um conjunto de análises a respeito da juventude e sua relação com o sistema de educação formal no Brasil, considerando a evolução desse sistema e do perfil dos jovens nele incluídos. Tal perspectiva tem como pressuposto, portanto, que uma das circunstâncias sociais importantes para se entender como se constitui a juventude brasileira se relaciona à inserção do jovem no sistema educacional ou na escola.

Para muitos estudantes, principalmente dentre aqueles que têm uma visão muito abstrata de suas reais possibilidades, ou seja, que não antecipam de forma realista as dificuldades inerentes na transição para a fase adulta, as expectativas formadas tendem a ser muito superiores ao que seria indicado. Quer dizer, há limitações objetivas que se impõem à realização de seu projeto de vida, tal como planejado pelo jovem. Como consequência, as frustrações geradas no processo são diversas, inclusive com relação ao nível educacional desejado, o que é bem exemplificado pelas elevadas taxas

¹ No escopo desse texto, não serão desenvolvidas análises voltadas à compreensão das múltiplas dimensões que constituem os jovens como sujeitos, apresentando-se uma perspectiva demográfica sobre a juventude, para a qual é necessário ressaltar a dimensão etária que será, no entanto, conjugada a outros aspectos, como raça/cor, renda, além de variáveis relacionadas ao sistema educacional.

de evasão no EM no Brasil. Por outro lado, jovens com elevadas expectativas com relação ao nível de ensino desejado e que conseguem confrontar desejos e realidade de forma mais efetiva estão entre os que atingem os maiores níveis escolares e os melhores postos de trabalho.

Relacionada à divergência entre aspirações e realidade está a formação de expectativas crescentes quanto ao nível de educação desejado, que se deve, em grande medida, à pressão crescente da sociedade pela obtenção de educação em nível superior e a conseqüente obtenção de postos de trabalho mais bem remunerados. Isso contribui para a formação de expectativas muito acima das reais possibilidades dos estudantes, indicando uma tendência crescente de insatisfação com o nível de ensino obtido. Assim, para muitos indivíduos, a busca por uma formação em nível superior talvez não seja a mais apropriada (Trusty, 2000), uma vez que esta pode ser um tanto irrealista e que tal aspiração ou formação não leva, necessariamente, a alcançar os objetivos almejados.

Mesmo quando as aspirações são bastante realistas ou condizentes com o posicionamento desses jovens e de suas famílias na estrutura social, vários fatores podem influenciar negativamente a transição da adolescência para a vida adulta, como casamento, divórcio, parturição, etc. Isso é particularmente mais relevante em sociedades modernas, uma vez que os jovens têm aspirações mais elevadas com relação à educação e ao mercado de trabalho (Hardie, 2009).

Com relação às aspirações dos jovens quanto ao nível de escolaridade desejado, vários fatores influenciam essas expectativas e, por conseguinte, os níveis educacionais e frustrações obtidas (Trusty, 2000; Trusty e Harris, 1999). Trusty (2000) analisou adolescentes com baixo rendimento escolar na oitava série nos EUA que tinham elevadas aspirações quanto ao nível de escolaridade, que significava obter um diploma em nível superior. Muitos desses tinham baixo nível socioeconômico e apresentavam uma visão muito abstrata e não realista de suas possibilidades. Quando os adolescentes foram analisados dois anos após a conclusão do Ensino Médio (EM), um quarto não tinha mais pretensões tão elevadas. Fatores que influenciavam positivamente a continuidade das aspirações elevadas e, possivelmente, a motivação para alcançar objetivos foram: nível socioeconômico, conhecimento de matemática na oitava série, expectativa elevada da mãe com relação ao estudante, inclinação subjetiva do estudante com relação à perseverança frente às dificuldades, presença dos pais em atividades extracurriculares da escola e não suspensão na escola. Especificamente para estudantes do sexo masculino, o autor observou que a existência de um computador no domicílio e a busca por aconselhamento escolar e profissional também foram aspectos positivos para manter as expectativas elevadas. Trusty e Harris (1999) analisaram em estudo semelhante os estudantes que tinham elevadas aspirações e notas igualmente elevadas. Fatores importantes para que os indivíduos continuassem a ter aspirações elevadas foram, além do nível socioeconômico, para o sexo feminino, a percepção por parte da adolescente que ela tem o controle sobre seu destino, e para o masculino, o envolvimento dos pais na escola. Muitos desses fatores certamente são também relevantes no universo dos jovens brasileiros.

Tendo em vista esse processo de formação de aspirações e objetivos e as frustrações inerentes a ele, entender como melhorar o sistema de ensino brasileiro, em particular o EM e relacionar a realidade dos jovens brasileiros à escola é somente o primeiro, mas essencial passo na direção de uma possível minimização dos problemas associados a essa transição.

Um ponto de partida para a discussão sobre os jovens é saber quantos são esses indivíduos e qual é a proporção desses na população total. Além disso, como discute Riani (2001), o número de jovens, ou em outras palavras, o tamanho da coorte, pode ter impactos diretos nos indicadores educacionais. A autora analisou o Ensino Fundamental (EF) no Brasil para dados municipais de 1991, tendo como arcabouço teórico o modelo de Schultz (1987). Ela sugeriu que uma queda na fecundidade, com a conseqüente diminuição nas taxas de crescimento populacional, diminuição nas razões de dependência e formação de menores coortes em idade escolar, podem abrir uma janela de oportunidades para o sistema de ensino público brasileiro, possibilitando uma melhoria nas taxas de cobertura e na qualidade de ensino.

Riani e Rios-Neto (2007) também discutiram os possíveis impactos de aspectos demográficos em indicadores educacionais com dados de 2000. Eles observaram que uma menor pressão demográfica tem influência positiva no EF, com o aumento na probabilidade do indivíduo freqüentar a escola. Note que a freqüência esse nível de ensino é hoje quase universal no Brasil e os municípios de forma geral têm escolas de EF. Por outro lado, os autores observam para o EM um resultado negativo. Ou seja, uma maior pressão demográfica aumentava a probabilidade de o indivíduo freqüentar esse nível de ensino. Segundo os autores, fatores relacionados à oferta de escola são mais decisivos na determinação da freqüência escolar do que a pressão populacional. Talvez isso possa ser causado por um efeito indireto da pressão demográfica, uma vez que maior parcela da população em idade de cursar o EM pode impactar positivamente a possibilidade de uma escola desse nível existir no município, que por sua vez tem influência também positiva na freqüência no nível.

O presente texto tem como objetivo geral apresentar um quadro inicial sobre aspectos demográficos dos jovens e também sobre a inserção do jovem no sistema de ensino no Brasil. Para tanto, ele foi dividido em 4 seções, incluindo essa introdução. Na seguinte discutem-se pontos referentes a aspectos demográficos dos jovens que podem, como discutido a acima, influenciar tanto quantitativamente como qualitativamente os indicadores educacionais. Depois disso, tendo em vista as expectativas e frustrações do jovem quanto à inserção no sistema de ensino, apresentam-se dados sobre a freqüência do jovem nos três níveis de ensino, EF, EM e ES, incluindo uma discussão sobre a heterogeneidade regional brasileira e também entre grupos de cor/raça diferentes. Por fim são tecidos alguns comentários finais, que apontam para o aumento na escolaridade do jovem brasileiro ente 1997 e 2007, com menor distorção idade/série, apesar de ainda socialmente desigual.

2. UMA BREVE DISCUSSÃO DEMOGRÁFICA SOBRE OS JOVENS NO BRASIL

O objetivo dessa seção é apresentar alguns dados sobre a evolução recente no número de jovens no Brasil. Como a discussão não é feita em detalhamento geográfico menor do que as macrorregiões brasileiras, optou-se por utilizar as PNADs de 1997, 2002 e 2007, sendo essa última a mais recente disponível no formato de microdados à época da realização da pesquisa.

A tabela 1 mostra a distribuição de população por faixa etária para o Brasil e suas macrorregiões nos anos de 1997, 2002 e 2007. Note que para os dois primeiros anos os dados para

Região Norte são somente para a área urbana, uma vez que os dados da zona rural dessa região só foram incluídos nas PNADs depois de 2002.

O foco desse trabalho são os jovens. Utiliza-se aqui um critério etário para definir que indivíduos podem ser considerados jovens². Para esse texto, foram definidos como jovens os indivíduos com idade entre 15 e 29 anos. Os demais grupos foram definidos por exclusão: crianças e adolescentes, de 0 a 14 anos de idade; e adultos e idosos, 30 anos e mais.

Inicialmente, tomando todas as faixas etárias da população em conjunto, nota-se que houve um crescimento populacional no Brasil e em todas as macrorregiões brasileiras nos dois períodos analisados, 1997-2002 e 2002-2007. Entretanto, quando se analisa os diferentes grupos etários, nota-se que, para crianças e adolescentes, o número para todo o Brasil se mostrou estável entre 1997-2007, em torno de 48 milhões. Note ainda que com exceção da Região Norte, onde esse grupo aumentou em números absolutos, em todas as macrorregiões brasileiras os números mostraram uma certa estabilidade ou mesmo um decréscimo, muito em virtude das quedas nos índices de fecundidade. Esse fato mostra que a janela de oportunidades para o EF, como sugerido por Riani (2001), é um fato que deve ser ressaltado para a realidade brasileira atual. Observa-se isso principalmente se tomarmos as proporções de crianças e adolescentes no total da população, que apresentaram quedas acentuadas em todas as áreas estudadas.

Especificamente para os jovens, os números absolutos cresceram em todas as regiões. O Brasil contava com pouco mais de 42 milhões de jovens em 1997 e esses eram mais de 50 milhões em 2007. Entretanto, em termos relativos, os números mostraram certa estabilidade, em torno de 27% do total da população do Brasil e variavam de 25% para a Região Sul até 29% para a Região Norte. O grupo etário dos adultos e idosos é o único que aumentou tanto em termos absolutos, passando de 65 milhões para 91 milhões entre 1997 e 2007, como em termos relativos, passando de 42% para 48%.

² Outras definições foram apresentadas anteriormente.

TABELA 1**Distribuição da população por faixa etária em diferentes anos para o Brasil e as macrorregiões**

Faixa etária	População			Proporções (%)		
	1997	2002	2007	1997	2002	2007
Brasil						
0 a 14	48094376	47886769	48307829	30,8	27,9	25,4
15 a 29	42337816	47264373	50266064	27,1	27,5	26,5
30 e mais	65695811	76516394	91246437	42,1	44,6	48,1
Total	156128003	171667536	189820330			
Região Norte						
0 a 14	2806554	3419657	5039391	36,7	34,0	32,7
15 a 29	2274685	3034631	4488938	29,8	30,2	29,1
30 e mais	2562535	3610357	5874591	33,5	35,9	38,1
Total	7643774	10064645	15402920			
Região Nordeste						
0 a 14	15866871	15387276	14868691	34,9	31,4	28,4
15 a 29	12533480	14173555	14702276	27,6	28,9	28,1
30 e mais	17048139	19408065	22733776	37,5	39,6	43,5
Total	45448490	48968896	52304743			
Região Sudeste						
0 a 14	18906199	18863005	18447263	27,7	25,3	22,8
15 a 29	18199829	19979179	20403552	26,7	26,8	25,2
30 e mais	31174125	35833584	41994634	45,7	48,0	51,9
Total	68280153	74675768	80845449			
Região Sul						
0 a 14	7113107	6735134	6443670	29,7	26,1	23,3
15 a 29	6160081	6595072	6932508	25,7	25,6	25,0
30 e mais	10659191	12474340	14328170	44,5	48,3	51,7
Total	23932379	25804546	27704348			
Região Centro-Oeste						
0 a 14	3401645	3481697	3508814	31,4	28,6	25,9
15 a 29	3169741	3481936	3738790	29,3	28,6	27,6
30 e mais	4251821	5190048	6315266	39,3	42,7	46,6
Total	10823207	12153681	13562870			

Fonte: PNAD, 1997, 2002 e 2007.

As próximas análises se restringem aos jovens, foco desse texto. A tabela 2 mostra o número de jovens por grupo de idade. Os jovens foram separados em três grupos etários: 15 a 17, idade adequada para frequentar o EM; 18 a 22, idade aproximadamente adequada para frequentar o ES; e 23 a 29, que são os demais jovens.

TABELA 2**Distribuição da população por faixa etária em diferentes anos para o Brasil e as macrorregiões**

Faixa etária	População			Proporções (%)		
	1997	2002	2007	1997	2002	2007
Brasil						
15 a 17	10399484	10357443	10262468	24,6	21,9	20,4
18 a 22	14464463	17021331	17240648	34,2	36,0	34,3
23 e mais	17473869	19885599	22762948	41,3	42,1	45,3
Região Norte						
15 a 17	582439	687349	981109	25,6	22,7	21,9
18 a 22	821700	1093428	1540128	36,1	36,0	34,3
23 e mais	870546	1253854	1967701	38,3	41,3	43,8
Região Nordeste						
15 a 17	3317745	3398803	3128096	26,5	24,0	21,3
18 a 22	4349081	5117807	5236729	34,7	36,1	35,6
23 e mais	4866654	5656945	6337451	38,8	39,9	43,1
Região Sudeste						
15 a 17	4283720	4099802	3978827	23,5	20,5	19,5
18 a 22	6196762	7220042	6884059	34,0	36,1	33,7
23 e mais	7719347	8659335	9540666	42,4	43,3	46,8
Região Sul						
15 a 17	1483371	1432906	1425739	24,1	21,7	20,6
18 a 22	2019172	2355787	2331919	32,8	35,7	33,6
23 e mais	2657538	2806379	3174850	43,1	42,6	45,8
Região Centro-Oeste						
15 a 17	732209	738583	748697	23,1	21,2	20,0
18 a 22	1077748	1234267	1247813	34,0	35,4	33,4
23 e mais	1359784	1509086	1742280	42,9	43,3	46,6

Fonte: PNAD, 1997, 2002 e 2007.

Quanto ao número absoluto de jovens, como vimos acima na tabela 1, verifica-se que houve um aumento para todas as macrorregiões do país entre 1997 e 2007. Entretanto, uma análise mais detalhada mostra que o grupo de 15 a 17 anos, ou seja, aqueles que idealmente estariam no EM, apresentou números estáveis em todo o Brasil, com leve tendência de diminuição. Isso indica que a janela de oportunidades para a melhoria do EM quanto a fatores puramente demográficos ainda não é uma realidade, dado que a frequência escolar nesse nível, ao contrário do EF, está longe de ser universalizada. Entretanto, isso pode ocorrer em um futuro não muito longínquo quando coortes menos numerosas atingirem a idade entre 15 e 17 anos e quando esse nível de ensino apresentar uma cobertura mais abrangente que a atual. Para os demais jovens, nota-se um aumento nos números absolutos. Essa breve discussão sobre o número de jovens procurou mostrar um contexto geral, onde se observa uma diminuição dos números absolutos e relativos de crianças e adolescentes no Brasil e uma diminuição relativa dos jovens com idade entre 15 e 17. Em seguida, fatores mais associados ao sistema de ensino são apresentados.

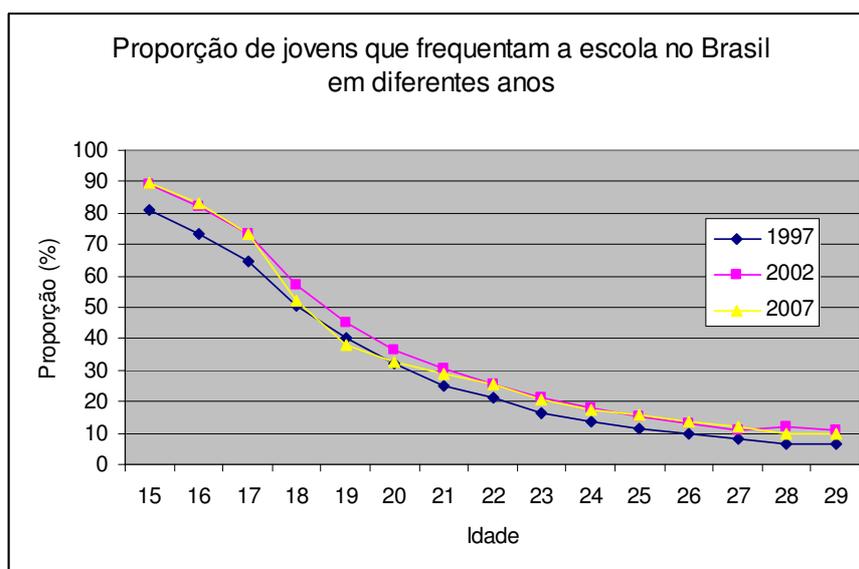
3. OS JOVENS NO BRASIL E O SISTEMA DE ENSINO

O gráfico 1 mostra a proporção de jovens por idade que frequentava a escola em qualquer dos três níveis de ensino, EF, EM ou ES. Ou seja, não são incluídos estudantes de pré-vestibular ou de mestrado/doutorado. Observa-se que mais de 80% das pessoas com 15 anos no Brasil frequentava a escola nos três anos estudados. Entretanto, nota-se um grande declínio nas proporções de jovens na

escola com o aumento da idade, indicando a transição da adolescência para a fase adulta ou da escola para o mercado de trabalho.

Quando se comparam os resultados dos diferentes anos, nota-se para as idades até 17 anos que houve um aumento de aproximadamente 10% nas proporções de jovens na escola entre 1997 e 2002, seguida de uma estabilização nos números. Isso indica que mais jovens dessa idade não evadiram do sistema de ensino e, possivelmente, estavam cursando o EM. Entre as idades de 18 e 20 anos, os dados indicam um aumento na proporção de jovens na escola entre 1997 e 2002 e uma reversão dessa tendência entre 2002 e 2007. Isso sugere que houve um aumento na retenção do estudante no primeiro período e uma diminuição marcante na distorção idade/série no segundo. Assim, os estudantes que terminavam o EM em idades entre 18 a 20, passaram a completar esse nível de ensino em idades inferiores e evadiam do sistema de ensino. A partir dos 21 anos de idade, os dados são muito semelhantes entre os anos de 2002 e 2007, com valores um pouco superiores aos de 1997. Isso indica que os dois processos descritos acima, maior cobertura com menores índices de repetência e distorção idade/série estão presentes conjuntamente, como será discutido em detalhes posteriormente.

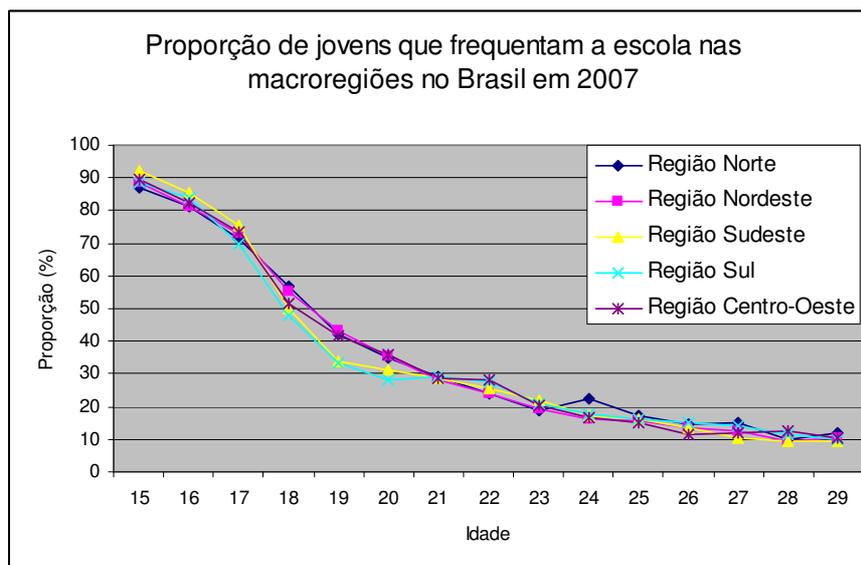
GRÁFICO 1



Fonte: PNAD, 1997, 2002 e 2007.

O gráfico 2 compara essas mesmas proporções para as macrorregiões brasileiras para dados do ano de 2007. Note que as curvas são muito semelhantes, mesmo para regiões muito heterogêneas como as macrorregiões no Brasil. Isso indica que processos diversos determinam a frequência à escola, muitos não correlacionados com a qualidade de ensino. Entretanto, verifica-se uma única diferença marcante entre as curvas das regiões menos desenvolvidas, Norte e Nordeste, e das mais desenvolvidas, Sul e Sudeste. Essas últimas têm menores proporções de estudantes para as idades entre 18 e 20 anos. Isso indica que devido a uma menor distorção idade/série, principalmente para estudantes no EM nessas últimas regiões, muitos indivíduos que haviam concluído esse nível de ensino já haviam evadido da escola, fato que ainda não ocorrera nas regiões com maior distorção idade/série.

GRÁFICO 2



Fonte: PNAD, 2007.

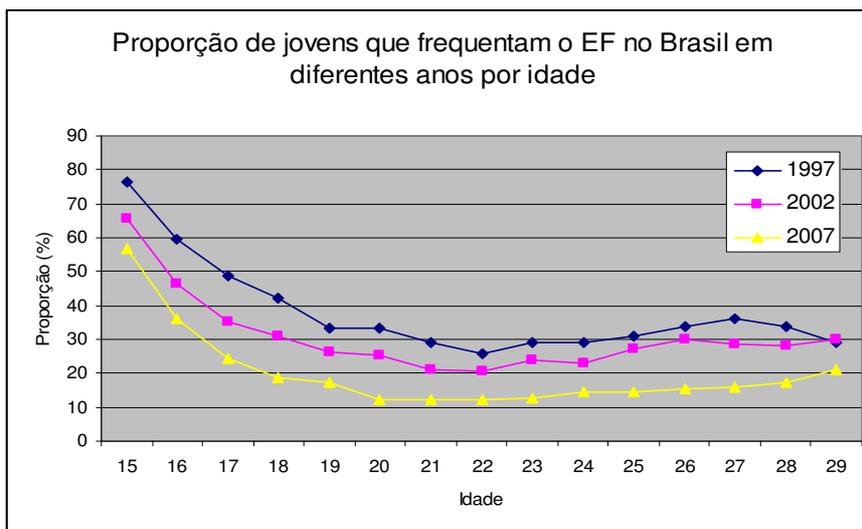
Os dados anteriores discutem todos os estudantes em conjunto e não os distinguem quanto ao nível de ensino frequentado. Os gráficos 3, 4 e 5 detalham esses números respectivamente para o EF, o EM e o ES em separado para o Brasil para os três anos estudados. O primeiro desses gráficos mostra que a proporção de estudantes com 15 anos ou mais de idade no EF diminuiu muito no Brasil entre 1997 e 2007, indicando que a distorção idade/série teve uma tendência decrescente no país nos dois quinquênios analisados. Além disso, houve um aumento relativo na frequência nos demais níveis.

O gráfico 4 mostra os dados para o EM. Nota-se que existe um aumento das proporções nas idades mais jovens, sendo que para as idades entre 16 e 18 anos, mais da metade dos estudantes frequentavam esse nível de ensino, com um aumento marcante desde 1997. O contrário ocorre com as idades mais altas, indicando, também para esse nível, uma diminuição marcante na distorção idade/série.

Com relação ao ES, o gráfico 5 mostra que as proporções aumentaram muito para todas as idades, indicando o aumento na escolaridade geral do jovem brasileiro no período analisado. Observa-se que a maioria dos jovens com mais de 20 anos de idade que frequentavam a escola no Brasil estavam no ES.

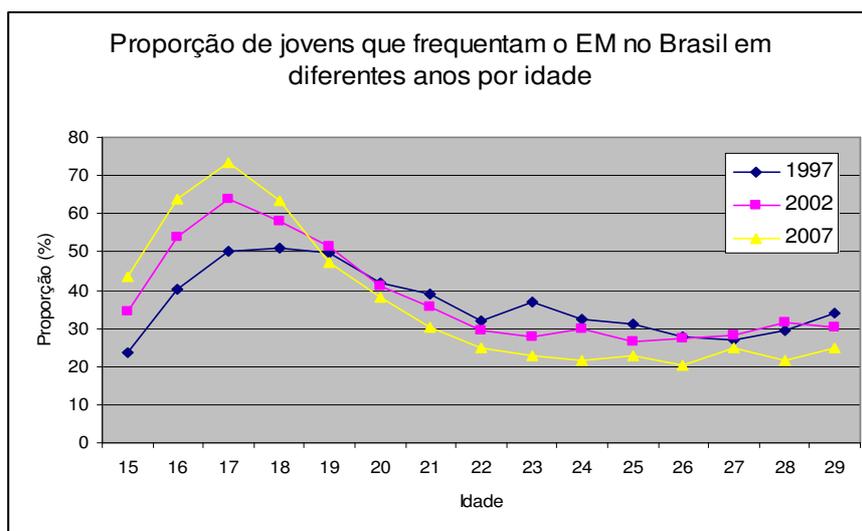
Os dados dos gráficos 2, 3, 4 e 5 permitem concluir que o sistema de ensino no Brasil aumentou pouco em termos de números totais de jovens nas escolas, mas que a distorção idade/série diminuiu e o nível médio de escolaridade aumentou de forma marcantes. Ou seja, apesar de ser um quadro ainda muito insatisfatório em vários aspectos, os indicadores quantitativos do sistema de ensino do Brasil apresentaram uma grande melhora entre 1997 e 2007.

GRÁFICO 3



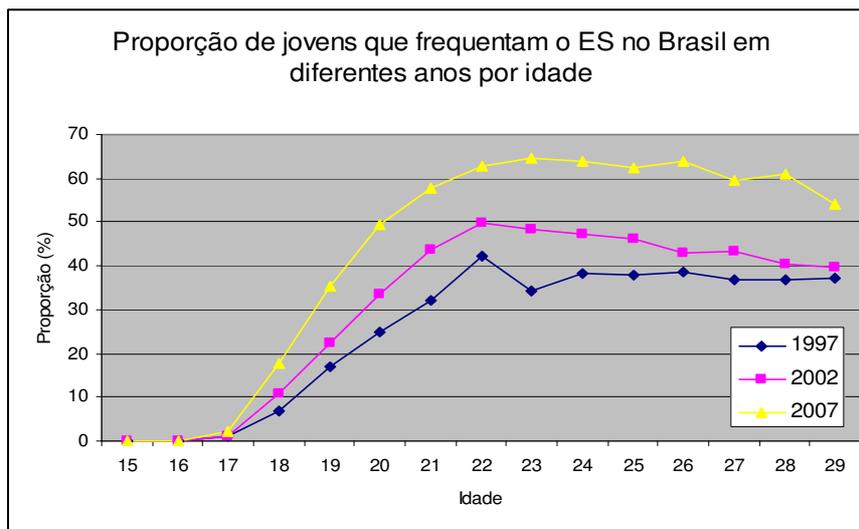
Fonte: PNAD, 1997, 2002 e 2007.

GRÁFICO 4



Fonte: PNAD, 1997, 2002 e 2007.

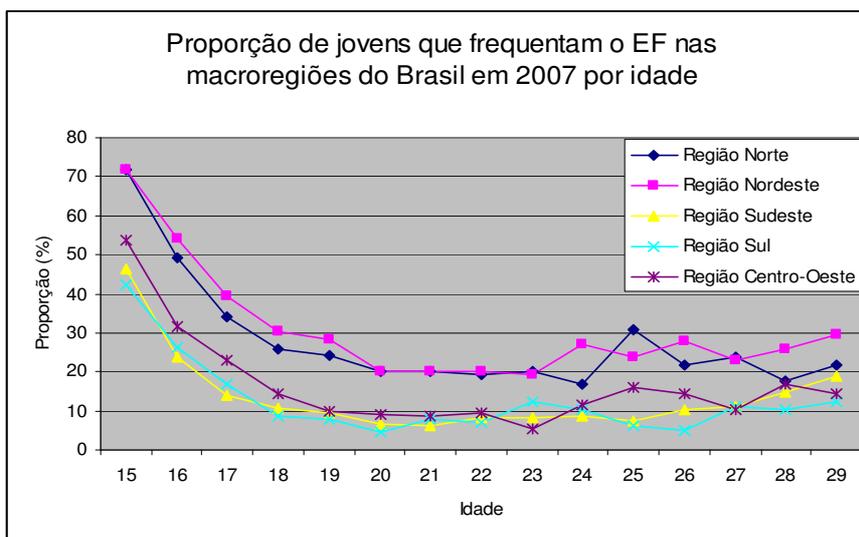
GRÁFICO 5



Fonte: PNAD, 1997, 2002 e 2007.

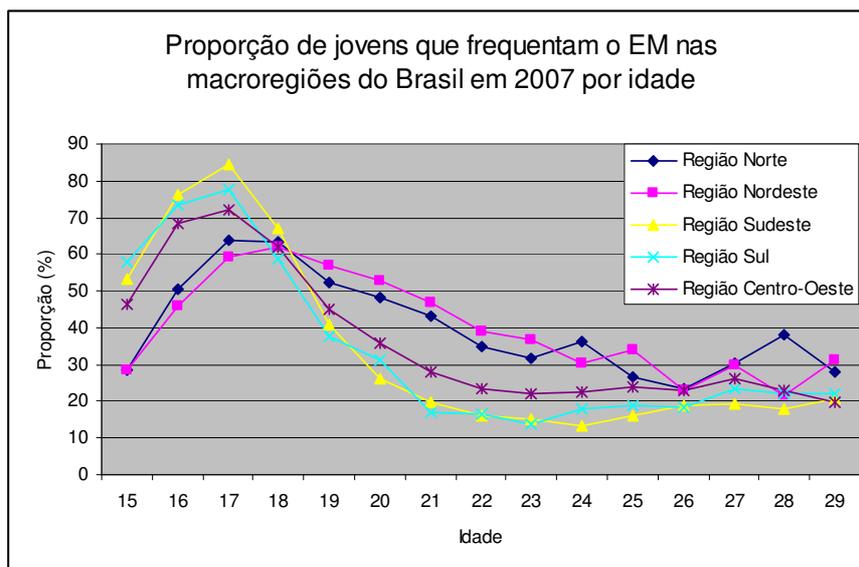
Os gráficos 6, 7 e 8 comparam essas mesmas proporções para o EF, o EM e o ES para as macrorregiões do Brasil no ano de 2007. O primeiro desses gráficos mostra que as regiões menos desenvolvidas socialmente, Norte e Nordeste, tinham as maiores proporções de jovens no EF, indicando uma distorção idade/série muito superior as demais, que tinham proporções muito inferiores e similares entre si. O gráfico seguinte mostra que a grande maioria dos estudantes nas regiões Sudeste, Sul e Centro-Oeste com idade entre 16 e 18 estavam no EM, com pouco ou nenhum atraso escolar. Mais uma vez o Norte e o Nordeste tinham os piores resultados, com menores proporções para as idades até 18 e maiores para jovens mais velhos. O gráfico 8 mostra os resultados para o ES. Nota-se claramente a existência de dois Brasis em termos de educação superior: um com as regiões Norte e Nordeste, com valores mais baixos; e o outro com as demais, com valores mais elevados e semelhantes.

GRÁFICO 6



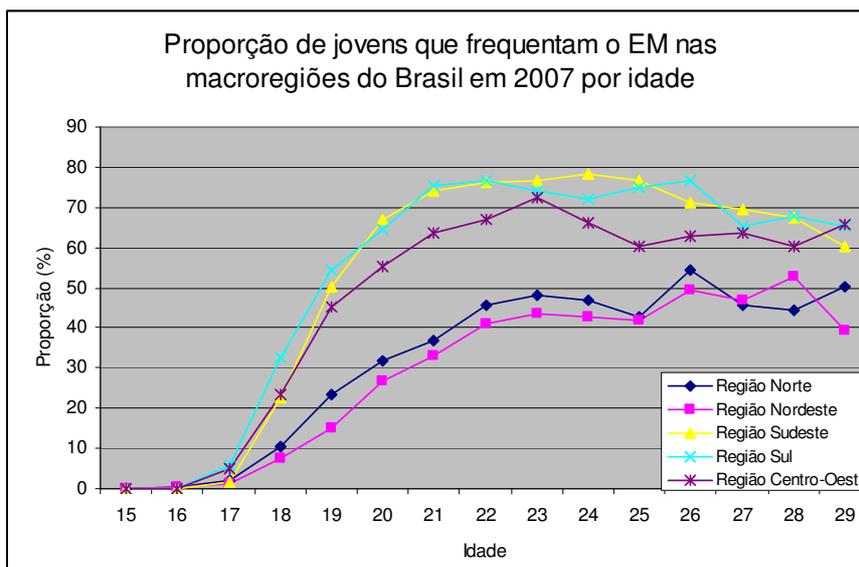
Fonte: PNAD, 2007.

GRÁFICO 7



Fonte: PNAD, 2007.

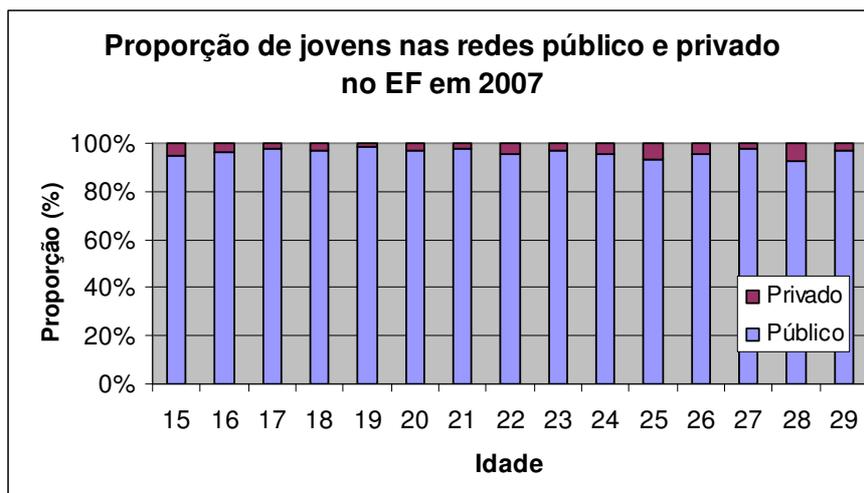
GRÁFICO 8



Fonte: PNAD, 2007.

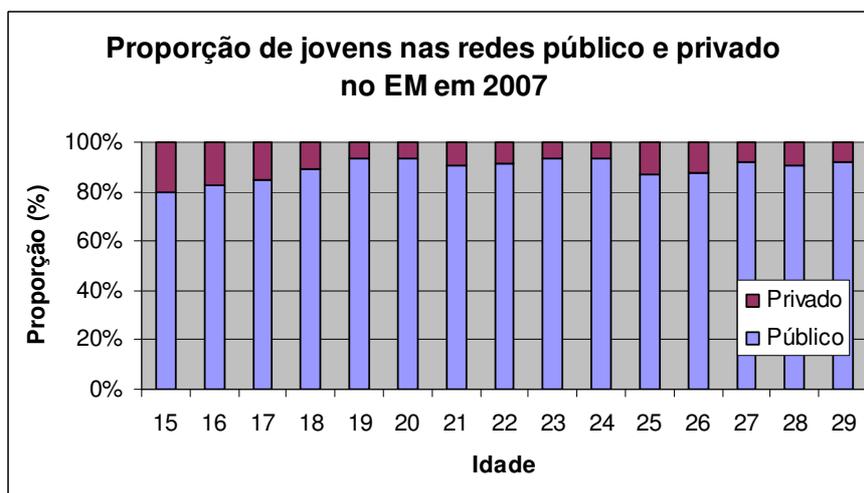
Os gráficos 9, 10 e 11 mostram as proporções de estudantes em cada um dos níveis de ensino que estudavam na rede pública ou na rede privada em 2007. Nota-se que quase todos os estudantes no EF com 15 anos e mais estavam na escola pública. O sistema público, além de ter uma dimensão muito maior que o privado para todas as idades, apresenta uma distorção idade/série muito superior a esse outro sistema, o que justifica esses números. O sistema público também responde pela grande maioria dos estudantes de EM com idade de 15 anos e mais, como mostra o gráfico 10. No caso do ES, nota-se que as escolas privadas absorviam a grande maioria dos jovens em 2007, indicando a dicotomia existente no Brasil entre o ensino básico e o ensino superior.

GRÁFICO 9



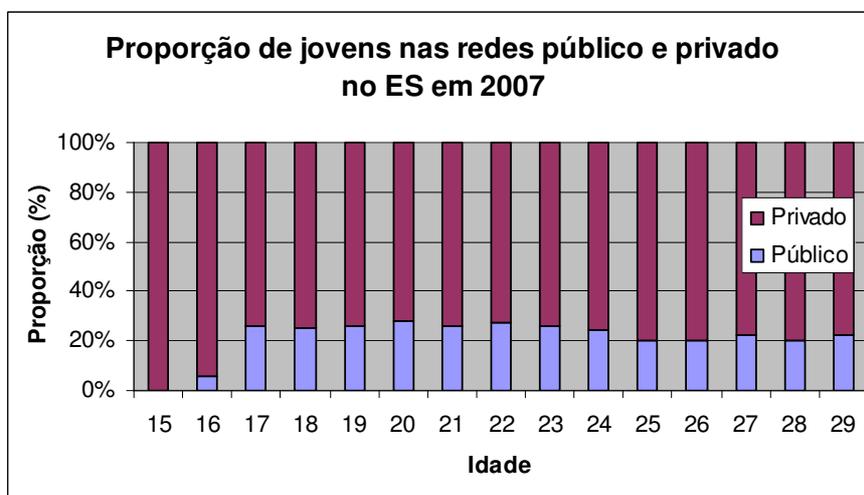
Fonte: PNAD, 2007.

GRÁFICO 10



Fonte: PNAD, 2007.

GRÁFICO 11



Fonte: PNAD, 2007.

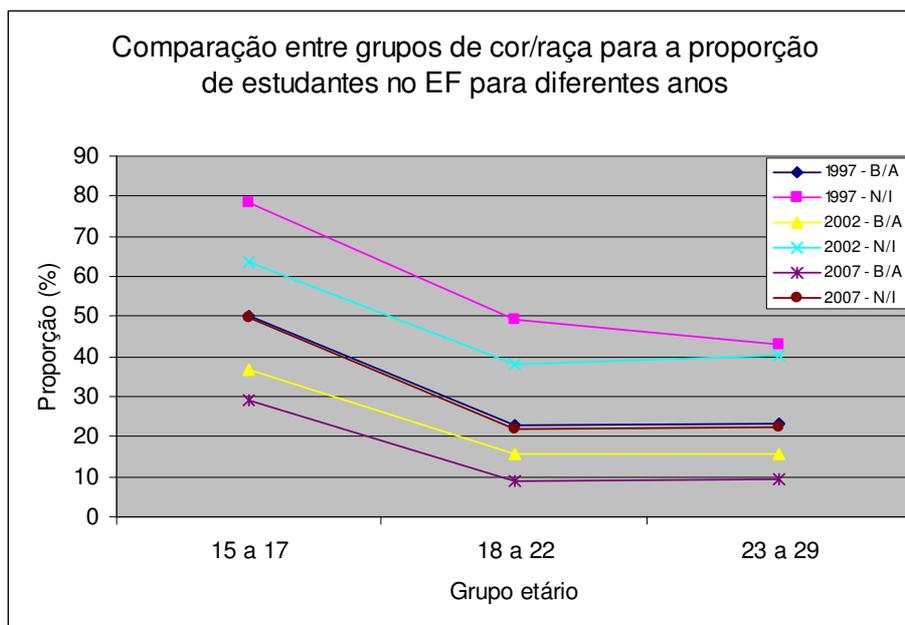
Os gráficos 12, 13 e 14 comparam os diferentes grupos de cor/raça quanto a frequência nos diferentes níveis de ensino nos três anos estudados. As categorias de cor/raça foram agrupadas em Brancos/Amarelos e Pretos/Pardos/Indígenas ou Negros/Indígenas. Esse agrupamento foi realizado devido às semelhanças socioeconômicas entre os grupos de cor ou raça que são classificados sob a mesma categoria (Paiva e Golgher, 2007). As idades também foram agrupadas em 15 a 17, 18 a 22 e 23 a 29, os mesmos grupos de idade utilizados na tabela 2.

O gráfico 12 mostra as proporções de estudantes no EF por grupo de raça/cor nos diferentes anos. Nota-se que a diminuição nos números foi generalizada. Além disso, verifica-se que brancos/amarelos tem valores menores que negros/indígenas para um mesmo ano. Quando se comparam os dados dos dois grupos de cor/raça em diferentes anos, observa-se que a defasagem é de aproximadamente dez anos: brancos/amarelos em 1997 se assemelham aos negros/indígenas de 2007.

Com relação ao EM, como mostra o gráfico 13, houve um aumento generalizado para as idades mais jovens e uma diminuição na classe de idade mais elevada, indicando uma diminuição na distorção idade/série para os dois grupos de cor/raça no período. Além disso, a diferença entre os grupos de cor/raça era de aproximadamente 10 anos, como observado acima.

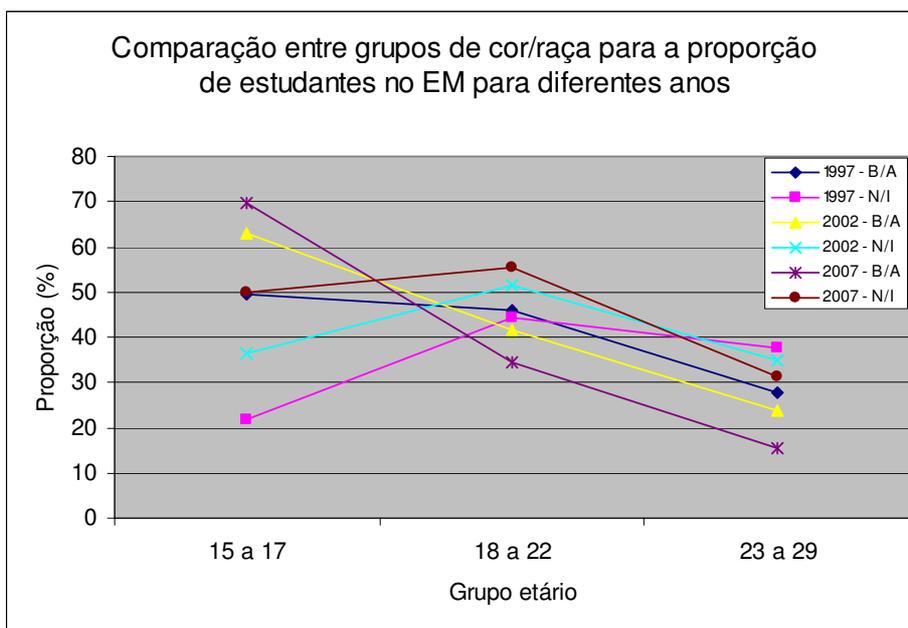
O gráfico 14 mostra os dados para o ES, onde se verifica o grande avanço desse nível de ensino para ambos grupos de cor/raça. Entretanto, a defasagem é superior a 10 anos entre eles: os brancos/amarelos em 1997 tinham valores superiores aos negros/indígenas em 2007, indicando que apesar do aumento na proporção de estudantes nesse nível em todos os grupos de cor/raça, a diferença de inserção entre grupos é marcante.

GRÁFICO 12



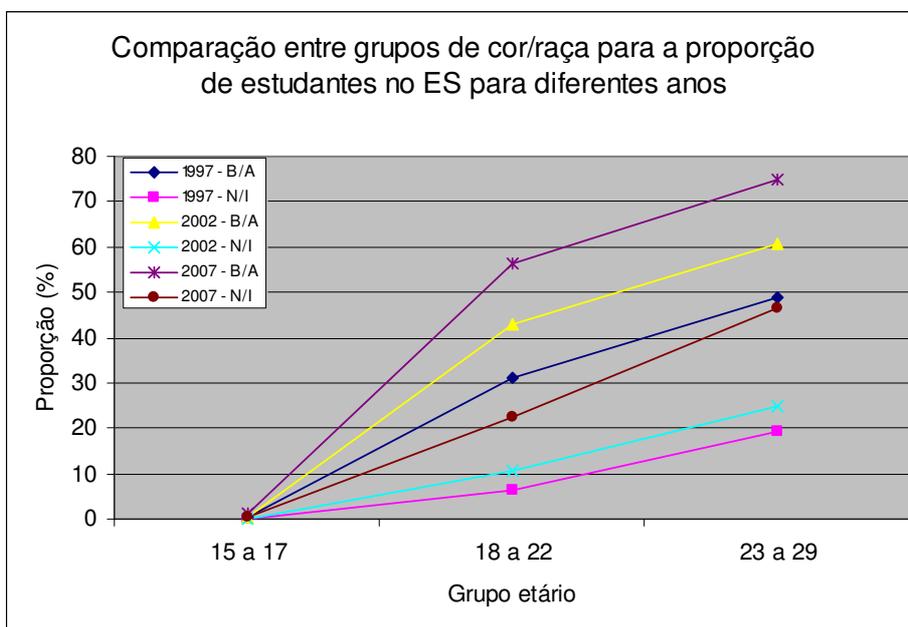
Fonte: PNAD, 1997, 2002 e 2007. Nota: B/A = brancos/amarelos N/I = negros/indígenas

GRÁFICO 13



Fonte: PNAD, 1997, 2002 e 2007. Nota: B/A = brancos/amarelos N/I = negros/indígenas

GRÁFICO 14



Fonte: PNAD, 1997, 2002 e 2007. Nota: B/A = brancos/amarelos N/I = negros/indígenas

4. CONCLUSÃO

Esse texto apresentou a evolução recente em termos absolutos e relativos do tamanho populacional de diferentes grupos etários no Brasil. Principalmente devido à queda na fecundidade, o número de crianças e adolescentes mostrou uma estabilização nos números absolutos entre 1997 e 2007, e diminuição nos números relativos, com tendência de diminuição futura. Isso implica que existe a “janela de oportunidades” com relação a aspectos demográficos para a melhoria do EF. Para as idades entre 15 a 17 anos, esse mesmo fato demográfico também ocorreu, ainda que em menor intensidade, o que impactará futuramente em coortes menores nessa idade.

A frequência à escola do jovem brasileiro se mostrou estável entre os anos de 1997 e 2007. Entretanto, houve uma diminuição marcante das proporções de estudantes no EF e um aumento das mesmas para o ES. Além disso, especialmente para o EM, para as idades mais jovens houve um aumento relativo nas proporções de jovens que o frequentavam e o contrário ocorreu para as idades mais velhas. Dois fatores explicam em grande medida essas observações: a diminuição da distorção idade/série; e o aumento médio da escolaridade do jovem brasileiro. Esses pontos são detalhados no segundo texto dessa série

O estudante brasileiro no EF e EM frequenta em sua grande maioria a rede pública. Considerando o jovem estudante que, principalmente nesse primeiro nível de ensino, apresenta uma elevada distorção idade/série, praticamente 100% desses estão em escolas dessa rede de ensino. O contrário foi observado para o ES.

Como esperado, os grupos de cor/raça branco e amarelo frequentam em maiores proporções os níveis mais elevados de ensino do que o observado para negros e indígenas. A defasagem entre esses grupos foi de aproximadamente 10 anos, indicando que a desigualdade entre os grupos de cor/raça é uma realidade, mas que os avanços quantitativos beneficiaram todos eles.

Assim, pode-se dizer que a educação no Brasil (ou alguns de seus aspectos, como acesso, distorção idade/série) se relaciona a variáveis sócio-demográficas, como região do país, rede de ensino (ou dependência administrativa), nível de ensino, indicando que a análise conjunta desses conjuntos de dados é importante para se entender alguns padrões associados à expansão do sistema de ensino e à garantia do acesso à educação como um direito fundamental, além de constituir importante dimensão social no que se refere à configuração da juventude como categoria social no Brasil.

REFERÊNCIAS

- DAYRELL, J. (2003). O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, n. 24, set/out/nov/dez.
- HARDIE, J. (2009) Making It? Paths to achieving and not achieving aspirations in the transition to adulthood. PAA Annual Meeting ,Detroit, EUA.
- MACHADO PAIS, J. (1990) A construção sociológica da juventude –alguns contributos. *Análise Social*, v. 25, n. 105-106.
- PAIVA, M. L. e GOLGHER, A. (2007). Pobreza e desigualdade de renda em Belo Horizonte: uma análise para setores de habitação. In: *Anais do V Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos*. Recife: VENABER:
- RIANI, J. (2001) Impactos da estrutura etária em indicadores de educação no Brasil, 1991. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v.18, n.1/2,jan/dez.
- RIANI, J. e RIOS-NETO, E. (2007) Análise do dividendo demográfico na matrícula escolar no Brasil numa abordagem hierárquica e hierárquica-espacial. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v.24, n.1,jan/jun.
- SCHULTZ, T. (1987) School expenditures and enrollments, 1960-1980: the effects of income, prices and population growth. In: JOHNSON, D. e LEE, R. (eds) *Population growth and economics development: issues and evidence*. Madison: University of Wisconsin Press.
- TRUSTY, J. e HARRIS, M. (1999) Lost Talent: predictors of the stability of educational expectations across adolescents. *Journal of Adolescent Research*, 14 (3), p. 359-382.
- TRUSTY, J. (2000) High educational expectations and low achievement: stability of educational goals across adolescence. *The journal of educational research*, 93 (6), p. 356-365.